

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Marques, João

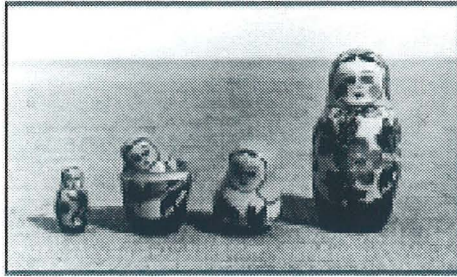
Máquinas de habitar e casas que habitam

<http://hdl.handle.net/11067/4887>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-02T03:42:22Z com informação proveniente do Repositório



Matriokas. Bonecas/caixas de origem russa, que se guardam umas dentro de outras. Corpos contêm e são contidos. Espaços que habitam e são habitados.

MÁQUINAS DE HABITAR E CASAS QUE HABITAM

JOÃO MARQUES

CONTRASTE!

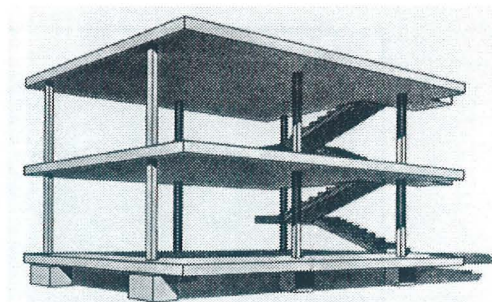
Viajamos pelo nosso território e, progressivamente, realizamos que, quanto mais um conhecimento disciplinar se desenvolve, consolida e configura em exemplos notáveis (mas pontuais) de arquitectura, mais a paisagem se degrada numa disseminação estereotipada de indiferença e alienação.

Paradoxo contemporâneo da facilidade de comunicação e acesso às redes de informação, a paisagem (sociedade) perde progressivamente a sua especificidade para se transmutar numa extensão funcional otimizada (a *cidade genérica* de Rem Koolhaas), que nos espia e dita os comportamentos (1999 como *1984*, de George Orwell).

Empate! Quanto mais massificada é a produção de objectos e espaços, maior a quantidade de informação, mais o indivíduo se refugia no seu interior até uma solidão redentora.

No seu ensaio sobre os *Não Lugares – Espaços do anonimato*, Marc Augé, ilustra-nos eloquentemente esta reacção: “Quando um voo internacional sobrevoa a Arábia Saudita, a hospedeira anuncia que durante esse período estará proibido o consumo de álcool no avião. Assim se significa a intrusão do território no espaço. Terra = sociedade = nação = cultura = religião: a equação do lugar antropológico reinscreve-se fugazmente no espaço. Reencontrar o *não lugar* do espaço, um pouco mais tarde, escapar à coacção totalitária do lugar, será sem dúvida encontrar-se com algo que se pareça com a liberdade.”¹

Detenhamo-nos neste ponto, para tomar consciência da alteração contemporânea de um objecto antropológico social para uma



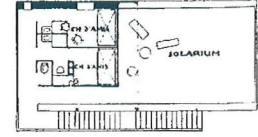
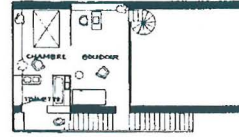
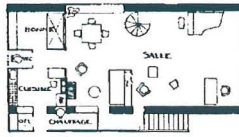
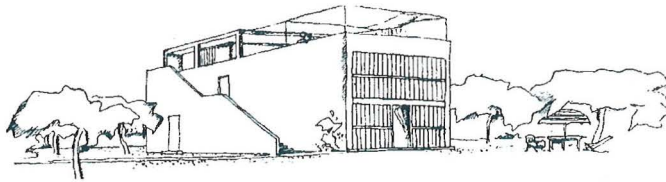
Le Corbusier. Estrutura da casa tipo *Domino*, para ser construída em série. 1914.

realidade individual, sintoma de uma condição de supermodernidade, que Marc Augé sublinha quando refere que "hoje, a frequência dos *não lugares* oferece a possibilidade de uma experiência sem verdadeiro precedente histórico de individualidade solitária e de mediação não humana (basta um cartaz ou um ecrã) entre o indivíduo e os poderes públicos."²

Convirá aqui sublinhar que se entende o não lugar como antítese do lugar antropológico - lugar de identidade, relacional e histórico. Estes espaços produzidos pela supermodernidade³, sejam uma auto-estrada onde podemos circular porque pagamos a portagem com o cartão de crédito, a estação de serviço, o hipermercado, ou um aeroporto onde temos acesso ao *Duty Free Shop* porque somos portadores de uma passagem aérea e passaporte, definem-se em geral por uma *contratualidade solitária*, em que a palavra, ou mesmo o texto, são os principais mediadores entre o indivíduo e o ambiente envolvente. Repare-se como num país estrangeiro ou exótico, a existência recorrente de indicações, sinalética, instruções ou comentários numa língua que conhecemos (generalizadamente o inglês), ou ainda a presença de comércio (lojas, marcas ou artigos) de cadeias multinacionais, nos permite experimentar um elevado nível de reconhecimento, segurança e identificação com o espaço.

Diríamos até que, de um modo extremo, estes *não lugares* corporizam, a uma escala global, o conceito de **tipo**, e traduzem-se na utilização massiva de **modelos**.

Numa progressiva perda de especificidade dos lugares, as novas extensões urbanas caracterizam-se cada vez mais pela banalidade, pelo recurso a fórmulas *estafadas* ou a *clichés*, sejam fruto de sectores profissionais habilitados ou não. Nas periferias das grandes cidades, ou nas novas *urbanizações*, assim vulgarmente designadas, encontramos todo um esforço de artificios formais, cosméticos, meramente epidérmicos, para que a imagem da cidade possa conter algo de particular que contrarie a esmagadora e sufocante verdade que é a mediocridade e a ausência de valores e qualidades do espaço urbano. E perante a ausência de valores, a incapacidade de lidar com a estrutura anterior de um sítio, a dificuldade de conceber e prefigurar um discurso ou narrativa, vale tudo! Desde desesperados recursos formalistas, argumentos mais ou menos regionalistas



Le Corbusier, *Maison Citrohan*, 1920. Uma casa pensada como um equipamento, para ser produzida como um automóvel.

ou tradicionalistas, até à utilização de nomes sugestivos para condomínios fechados ou edifícios. A palavra é, aqui, usada para evocar qualidades que o construído não possui, e assim substituir-se a uma falta de significação do espaço. Neste sentido, estaremos sem dúvida confrontados com territórios de indiferença e alienação, onde a inexistência de vínculos com a especificidade de um sítio impede a afirmação de uma identidade.

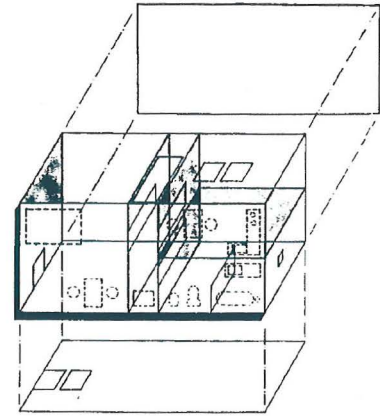
Se considerarmos que a identidade se constrói no modo como se habita poeticamente um lugar, ou seja, que habitar pressupõe a transformação de um lugar, existencial na medida que ele sustenta a construção de uma identidade (individual e colectiva), então concluiremos que o valor da casa é não somente o de abrigar um corpo, mas ser um *CONTENTOR DE VIDAS*.

Josep Muntañola refere que “tanto individual como colectivamente, a forma de habitar ou a forma de viver reflecte todas as características de uma cultura num momento determinado.”⁴ Chegados aqui, deparamo-nos com a aparente contradição entre a eficácia da construção, que em termos técnicos e económicos tende sempre para uma normalização / estandardização, e a especificidade de um lugar, de uma cultura e, no limite, de um indivíduo.

Retomemos Le Corbusier e o mito da *machine à habiter*. Este conceito responde, em perfeita sintonia, ao repto da civilização mecanicista do séc. XX. Se, por um lado, tem origem no típico pensamento dialéctico de Le Corbusier (Apolo/Medusa), já que, à ideia de uma produção de casas em série, contrapõe a de uma estandardização flexível e ressalva a dimensão espiritual humana (tal como Alvar Aalto), por outro, não deixa de ter uma validade universal ao corresponder às questões básicas que se colocam ainda hoje ao projecto e construção da habitação de massas. Aldo Rossi escrevia, em 1960, que Le Corbusier “oferece a solução poética, a única que se lhe reconhece unanimemente, mas oferece também a solução mais prática e exacta. Não conheço uma definição mais exacta e mais culta da função da habitação em arquitectura moderna que a dada por ele: a habitação é uma «machine à habiter». Esta definição é tão exacta que ainda hoje suscita a indignação de muitos críticos: e note-se que se trata de algo mais que de um *slogan*. É a definição mais revolucionária da arquitectura moderna.”⁵



Yusoke Fujiki. Projecto vencedor dum concurso para uma casa sem estilo. 1992. Extraído de Ibelings, Hans, *supermo-dernismo. Arquitectura en la era de la globalización*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998.



O valor desta ideia permanece inegável, apesar de décadas de incompreensão e abastardamento. O dilema da *habitação de massas e qualidade* ⁶ só terá solução quando assumida a sua vertente fundamental: construção em quantidade para o homem-tipo. E aqui voltamos a Le Corbusier e a sua *maison-type*. Projectar neste contexto é desconhecer a identidade de quem irá habitar. Entendida esta condição poderá prefigurar-se uma arquitectura em que a neutralidade adquira um sentido e significação particulares. A casa como contentor de vidas, território de apropriação e transformação pelo indivíduo, como suporte de construção de uma identidade específica. A crescente frequência com que as pessoas mudam de casa, de local de trabalho, etc, a transitoriedade com que o habitar está confrontado neste progressivo nomadismo da sociedade contemporânea, questionam a validade de ambientes hiperdefinidos que negam ao indivíduo o direito à sua especificidade, em suma, à sua identidade. O desenho do espaço interior não deve impor uma cultura determinada, antes propiciar o crescimento de uma cultura específica. A responsabilidade didáctica da arquitectura poderá então centrar-se no modo como também ela se apropria, marca e transforma os lugares. Como também ela habita os lugares, servindo de mediadora na relação do homem com a paisagem ⁷ e, num sentido mais lato, com o cosmos.

Não precisamos de casas com estilo. Precisamos de casas que habitem.⁸

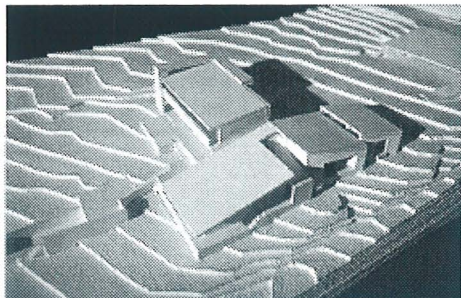
ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO!⁹

NOTAS:

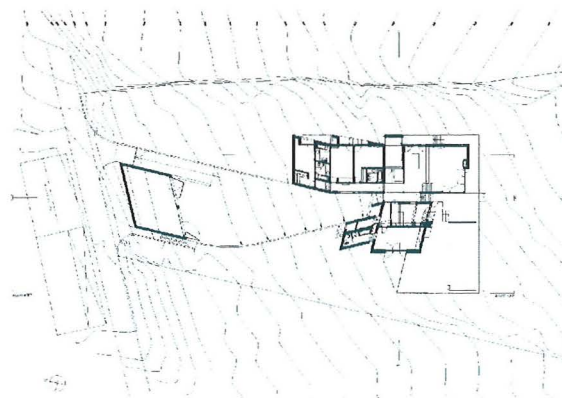
¹ Augé, Marc, *Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*, s.l., Editions du Seuil, 1992

² ibidem

³ Marc Augé define *supermodernidade* como procedendo simultaneamente de três figuras de excesso: a superabundância de acontecimentos, a superabundância espacial e a individualização de referências.



Luís Torgal e João Almeida. *Casa em Sobral de Monte Agraço*. 1998. Foto de maquete da fase de Estudo Prévio¹⁰.



Casa em Sobral de Monte-Agraço. Planta de implantação. Fase de projecto de execução.

⁴ Muntaniola, Josep, *Comprender la arquitectura*, Barcelona: Editorial Teide, 1985.

⁵ Rossi, Aldo, *Casabella*, nº 246, 1960, p.4.

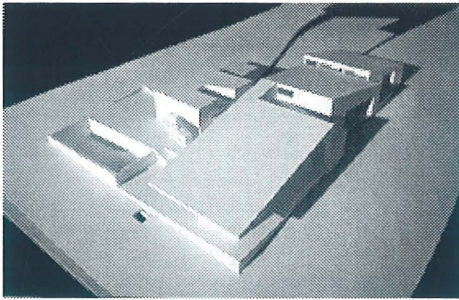
⁶ Tema de um colóquio organizado pelo Centro de Estudos de Habitação da Universidade Lusíada, em 1994, em Lisboa, onde se debateram sobretudo métodos de análise da qualidade de construção (curiosamente assentes em parâmetros quantitativos), e vias possíveis para contornar o incontornável: a uniformização e desumanização da habitação de massas.

⁷ Entende-se aqui a paisagem na sua componente natural e artificial, ou seja, conforme a noção de *scape*, termo actualmente utilizado para definir um conceito abrangente que integra o *landscape* e o *cityscape*.

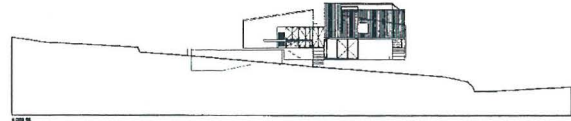
⁸ Não querendo por em causa a legitimidade da autoria (e portanto da emergência de um estilo), pretendo apenas salientar que, enquanto projecto, a arquitectura é feita de contingência e justifica-se pela resposta a uma necessidade (ou programa), num determinado sítio. Enquanto disciplina, terá que responder sobretudo a uma cultura e a um tempo.

⁹ Célebre *slogan* de Le Corbusier, em *Vers une Architecture*, 1923. Com este manifesto, pretendia reforçar, não sem um certo pendor demiurgico, o papel da arquitectura na solução para a instabilidade social que se vivia nos anos vinte - o modo como se resolveria a aspiração primordial de todo o ser humano: ter a sua casa.

¹⁰ Um programa composto por duas casas que prefiguram dois relacionamentos distintos com o sítio: um volume adoçado em continuidade à pendente natural do terreno, outro em atitude de afirmação perante a paisagem e de contraste contra esse suporte. A tensão entre os dois corpos é também o garante de



Casa em Sobral de Monte-Agraço. Foto de maquete da fase de Projecto de Execução¹¹.



Casa em Sobral de Monte-Agraço. Alçado Sul e Corte Longitudinal.

unidade para o conjunto, em que a oposição evidente, mais que ser contraditória, se revela complementar e reciprocamente qualificadora.

¹¹ O programa reduziu de duas para uma casa, e isso revela-se no modo como o projecto passa da dualidade entre volumes para uma expressão de unicidade. No entanto, mantêm-se os critérios matriciais de relacionamento com o sítio, desde a geometria, orientações, a modelação do suporte, da luz, a organização do espaço, a qualificação de um ambiente dirigido a um habitante determinado, conhecido. Circunstância de objectividade pela qual se legitima a afirmação de um estilo. De desenhar e de viver.

BIBLIOGRAFIA:

Frampton, Kenneth, *Modern Architecture: A Critical History*, Londres: Thames and Hudson, 1985

Benevolo, Leonardo, *Historia de la Arquitectura Moderna*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1990 (6ª edição, 2ª tiragem)

Banham, Reyner, *Teoría y diseño en la primera era de la máquina*, Barcelona: Ediciones Pídots, 1985

Augé, Marc, *Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*, s.l., Editions du Seuil, 1992

Ibelings, Hans, *Supermodernismo. Arquitectura en la era de la globalización*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998